

UM DIA DE CHUVA

Henrique morava com seus pais e Graziela, sua irmãzinha menor, em um apartamento no vigésimo andar de um edifício no centro de uma grande cidade à beira mar.

Desde a janela de seu apartamento, podia-se contemplar a formosura do mar, além de gozar de uma excelente vista panorâmica da cidade. Toda a família gostava de ir à praia. No verão, aproveitavam todos os fins de semana. As praias de sua cidade ficavam repletas de turistas, além dos naturais da própria cidade e isto desde outubro até março de cada ano,

Henrique gostava muito de ganhar uma bicicleta. Disse a seus pais que queria trabalhar, economizar dinheiro e então comprar uma. Fazia poucos dias que tinham começado as férias da escola e agora poderia conseguir durante a temporada de verão um emprego.

Alguns dias depois, Jorge Luiz, um primo de Henrique, veio para ficar com eles alguns dias. Como o rapazinho veio sozinho, o pai de Henrique foi esperá-lo na Estação Rodoviária.

Era uma noite de sexta-feira.- Mamãe, amanhã iremos à praia - disse Henrique. Levaremos uma cesta com sanduíches, assim não teremos que voltar para casa para comer e poderemos passar o dia inteiro na praia.

Os dois primos estavam contentes, pensando no divertimento do dia seguinte. Entretanto, no dia seguinte, Bem de manhã, Graziela procurou Henrique e lhe disse:

- Henrique, Jorge Luiz, olhem como está chovendo. Hoje não poderemos ir à praia.

Henrique ficou tão zangado que Graziela precisou sair correndo de quarto e refugiar-se no dela. Mais tarde, a família toda se levantou e tomaram café juntos.

Henrique continuava de mau humor e tudo era motivo para ele ficar mais zangado

Nada parecia esta bem: o café estava amargo (embora tivesse a mesma quantidade de açúcar de sempre), a geleia não era gostosa (ainda que fosse a mesma de sempre).

- Que está acontecendo com você - perguntou sua mãe.

- Todos os dias são tão lindos e com bastante sol e precisamente hoje eu e Jorge Luiz está aqui vai chover. Por que tinha que acontecer isto? - resmungou Henrique.

-Lembre-se do que diz Romanos 8.28 - respondeu sua mãe e acrescentou: *“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito”*.

- Mas, mamãe, como é que isto pode ser para o nosso bem? -insistiu Henrique.- Eu queria passar o dia na praia com Jorge Luiz e com os senhores e agora vou ter que ficar aqui, de braços cruzados.

Sua mãe tratou de explicar-lhe que nem sempre entendemos os plano de Deus para conosco, mas nem por isso devemos duvidar do Seu amor.

Terminaram de tomar café e as crianças foram para a sala para ler, desenhar, pintar, jogar xadrez, enfim, de tudo um pouco. Mesmo assim, Henrique continuava zangado por não poder ir à praia.

No meio da manhã, ouviu-se a campainha tocando. Henrique foi atender. Com precaução, antes de abrir a porta, olhou pela janelinha para ver quem era. Reconheceu o vizinho do apartamento ao lado. Quase nunca ele vinha a sua casa, ficaram surpresos com a visita.

Depois dos cumprimentos, o vizinho explicou a razão de sua vinda.

- Henrique, pode fazer-me o favor de perguntar a sua mãe se tem um litro de leite para empresar-nos.

Antes que o vizinho terminasse de fazer a pergunta, a mamãe de Henrique estava chegando perto.

- É claro, com muito prazer - disse ao vizinho. - Um dia como hoje é tão ruim para sair fazer compras.

Enquanto a mamãe foi à cozinha buscar o leite, o vizinho continuou conversando com Henrique.

- Henrique - lhe disse.- Você conhece algum rapazinho entre os seus companheiros da escola que estivesse disposto a trabalhar durante meio período em minha loja?

Henrique pensou na bicicleta que desejava comprar. O homem lhe explicou que precisava da resposta logo porque, se soubesse, anularia um anúncio que seria publicado no jornal da cidade do dia seguinte.

- Eu mesmo gostaria de trabalhar - respondeu-lhe Henrique. Quando a mamãe voltou da cozinha, os três conversaram. O vizinho lhes explicou que a poucas quadras dali tinha uma pequena loja onde vendia lembranças da cidade para os turistas e outras coisas mais de interesse para os tais.

Como que no verão o movimento aumentava, precisaria de mais alguém para ajudá-lo a atender o público. Entraram com relação quanto ao horário. O vizinho ficou muito contente porque tinha arrumado um empregado e Henrique ficou mais contente ainda porque, trabalhando, logo poderia comprar a sua bicicleta.

Quando o vizinho voltou para o seu apartamento, a mãe de Henrique olhou para seu filho e lhe perguntou:

- Você está lembrado desta manhã, quando perguntou de que maneira a chuva poderia ajudar para o seu bem? Agora, você tem a resposta. Não é verdade? Se o vizinho tivesse

vindo quando você estivesse na praia ele nem teria pensado em perguntar se você conhecia alguém que pudesse trabalhar em sua loja.

Henrique ficou envergonhado de ter ficado zangado. Pediu muitas desculpas à família e orou também pedindo que Deus o perdoasse por não ter crido no que diz Romanos 8.28.

Durante todo o verão trabalhou todas as manhãs e acabou comprando uma linda bicicleta. Ele pôde comprovar, por sua própria experiência que a Bíblia sempre diz a verdade. É assim mesmo: *“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito”*

.oOo.

NA PRAIA

- Mamãe, quanto falta?

A senhora Ruiz já sabia de que se tratava. Não, tinha que pensar muito para saber o que responder a Susana.

- Teremos que sair às cinco e meia, mais ou menos. Ainda falta uma hora.

- Mas, mamãe a que horas sai o trem?

- Às 18 e 45 horas, ou seja...

- E isto é logo, mamãe? - interrompeu Susana

- Um pouco mais de uma hora de pois sairemos.

Em seu entusiasmo, Susana Ruiz fez muitas perguntas à mãe. Que menina de sua idade não estaria contente em seu lugar? Ia passar os três meses de verão com seus tios Alberto e Corina e com seus primos Sandra, Pedro e Paulo.

Seriam três meses felizes à beira mar. Com razão seus olhos verdes pareciam brilhar de alegria! Seu sorriso e seus cabelos castanhos embelezavam seu rosto.

O tio Alberto tinha ido no dia anterior com os gêmeos em seu carro, mas a tia Corina iria com as meninas de trem. Chegou o grande momento da partida. A alegria de estar com Sandra tornou suportável o ter que despedir-se de seus pais. No dia seguinte, todos já queriam ir à praia e foram a uma um pouco afastada do centro. Havia ali bastante gente, mas podia-se jogar bola. Foi assim que começaram a temporada. Aproveitavam desde a manhã até a tarde. Banhavam-se, tomavam sol, jogavam bola com os gêmeos e Susana fazia castelos de areia com Sandra, sua prima.

Um dia, ao chegarem à sua praia favorita, viram algo que lhes chamou a atenção. - O que está fazendo toda esta gente? - perguntou Susana.

- Sei lá! - respondeu-lhe Paulo, encolhendo os ombros.

Apesar de sua aparente indiferença, Paulo também estava curioso por saber o que estava fazendo aquele grupo de pessoas, formando um círculo, na praia. Chegaram perto do grupo e ouviram cantar.

- São religiosos! -, exclamou Paulo com voz baixa para não ser ouvido pelas pessoas.

- Porque não vão à sua igreja? - perguntou Pedro.

- Vamos chegar mais perto para ouvir melhor - disse Sandra a sua prima, ajuntando-se ao grupo.

O senhor Alberto Castro ficou a certa distância com os gêmeos, mas sua esposa aproximou-se junto com a filha e a sobrinha. Mui timidamente, Sandra e Susana cantarolaram com aquelas pessoas.

Estavam cantando alguma coisa referente a Jesus ser o Filho de Deus e amar a todas as pessoas. Isto Susana

entendeu, mas quando cantavam de lavar o coração com o sangue de Jesus, não entendeu mais nada.

Após alguns momentos, parou a música e um homem contou uma história com a ajuda do que parecia ser uma grande pasta ilustrada.

Contou que a Bíblia ensina que todos somos pecadores. Susana lembrou-se de duas vezes que tinha brigado com os gêmeos e que, às vezes, desobedecia sua mamãe e sua tia. Assustou-se quando o homem disse que, se temos pecado no coração, não podemos ir ao céu.

O senhor Jorge (este era o nome do homem que estava contando a história) continuou explicando que o Senhor Jesus levou nossos pecados sobre Si mesmo, quando morreu na cruz. Então ele afirmou que Ele nos pode dar um coração sem pecado e então poderemos ir ao céu. Explicou tudo tão claro que Susana conseguiu entender.

Quando o senhor Jorge perguntou quem é que ainda não tinha recebido o Senhor Jesus e O queria receber naquele dia, Susana chegou ao meio da rodinha. Naquele dia, Susana pediu que Jesus entrasse em sua vida, que tirasse seus pecados e que usasse para o Seu serviço. A partir daquele dia, Susana e Sandra começaram a ir todos os domingos à Escola Dominical. A senhora Corina Castro sempre as levava. Uma ou duas vezes foram também os gêmeos, mas gritavam tanto que o tio Alberto deixou de levá-los e ia com eles à praia.

Em poucas semanas, Sandra Castro entregou sua vida ao Senhor Jesus, como o tinha feito a sua prima. A mamãe começou a observar uma mudança no comportamento das duas meninas. Não entendeu muito bem, mas era evidente que as reuniões na praia e na Escola Dominical estavam ajudando muito sua filha e sua sobrinha.

Um dia, Sandra entrou correndo assustada em casa.

- Mamãe! - gritou.- Um carro subiu na calçada e atropelou Susana.

O casal Castro saiu correndo à rua e verificou que tinha acontecido assim. Sabiam que sua filhinha não inventaria tal história, mas queriam crer que não era nada sério. Infelizmente era.

O senhor Castro levou rapidamente Susana ao hospital. A doutora que atendeu era a sua professora na Escola Dominical.

Quando a menina recuperou a energia suficiente para falar, fez algumas perguntas a sua professora. Depois, recebeu a visita de sua tia.

- Tia Corina, não se preocupe. Se eu morrer, irei ao céu.

Nessa mesma noite, a senhora Castro não conseguia dormir. Aquelas palavras ditas com tanta simplicidade por sua sobrinha tinham sido para ela como uma bomba, Será que ela podia dizer a mesma coisa? É verdade que ela era mais ou menos religiosa, dava esmolas aos pobres e fazia boas obras, mas, apesar disto, não tinha completa tranquilidade. Não estava certa que estivesse de bem com Deus.

No dia seguinte, falou com a doutora, a qual lhe explicou que, com nossos esforços e nossas boas obras, não podemos chegar a Deus. Só Jesus pode salvar-nos. A senhora Castro entregou sua vida ao Senhor Jesus Cristo. Minutos depois, contou a sua sobrinha a decisão que tinha tomado.

Passaram-se alguns dias e Susana saiu do hospital.

- Temos muitas coisas pelas quais devemos dar graças a Deus - disse a Tia Corina.- Mas o principal é que, por meio de Jesus Cristo, nosso Pai celestial nos encontrou.

- Sim - respondeu Sandra. - Agora temos que pedir ao Senhor que salve ao papai, a Paulo e a Pedro.

- E ao papai e à mamãe - acrescento Susana. - E também a todas as pessoas a quem lhes conto esta história.

.oOo.

A VISITA DO TIO CARLOS

Pedro Garcia morava com seus pais numa pequena casinha numa cidade interiorana. Como quase todos os meninos de nove anos, Pedro gostava mesmo de jogar bola.

Na frente de sua casa havia um terreno baldio, onde estava sempre batendo bola. Nesta brincadeira tinha sempre outros colegas do bairro, mas quase sempre terminava mal, com discussão e briga.

Quando um adversário de time marcava um gol, Pedro dizia:

- Não valeu! A bola passou bem alta!

Ou então dizia:

- Que gol, que nada! Não viram que a bola bateu na trave?

E, se o adversário afirmasse que era realmente gol, Pedro batia nele para fazê-lo ficar quieto. O único que podia suportá-lo era Quico, que morava na casa ao lado. Quico era seu melhor amigo.

Um dia, a mamãe disse a Pedro:

- Volte rápido da escola hoje porque o tio Carlos virá esta tarde.

- Como? Mas o tio Carlos morava bem no interior, junto com os índios!

- Sim - disse a mamãe - você tem razão, o tio Carlos é um missionário, trabalhando entre os índios, mas ele tem que ir à capital e passará alguns dias conosco.

- E porque tem que ficar aqui conosco? - perguntou Pedro.

- Bem, seu tio Carlos é meu irmão e como não tem casa onde ficar por aqui o convidei para passar alguns dias conosco.

Quando Pedro voltou da escola, o tio Carlos já tinha chegado a sua casa.

- Como vai, querido? Dê-me um beijo - lhe disse.- Você está lembrado da última vez que estive aqui? Você tinha somente cinco anos. Tome, isto é um presente para você.

Pedro abriu logo o pacote que lhe tinha dado o tio.

- Oba! -exclamou, pulando de alegria.- Precisamente o que eu queria! Um caminhão! Obrigado, tio!

Depois do lanche, Pedro saiu de casa e procurou o Quico para mostrar-lhe seu caminhão.

- Espere, vou trazer o meu e vamos brincar juntos - sugeriu seu amigo.

Assim o fizeram. Depois de algum tempo, Pedro disse ao seu vizinho:

- Quico, não é verdade que o meu é mais bonito?

Quico se zangou e começaram a brigar. Tirou o caminhão de Pedro e a briga só terminou com um forte soco.

Pedro agarrou seu caminhão e saiu chorando em sua casa. Disse então à mãe:

- Não quero ser amigo de Quico. Ele me bateu!

Não quis nem escutar sua mãe e foi direto ao seu quarto. O resto da tarde e todo o dia seguinte Pedro se sentiu muito triste.

- Sorria um pouco, quero que sejamos uma família feliz - disse-lhe o papai. - Ontem você estava zangado anteontem também. Assim não pode continuar!

- Não posso sorrir - respondeu Pedro.

- Venha, querido - disse -lhe o tio Carlos.- Diga-me, você acha que Deus quer que você esteja sempre triste?

- Não - respondeu Pedro. - Mas como posso evitá-lo?

- Pedro, alguma vez você já pediu a Jesus que limpe o seu coração? - perguntou o tio.

- Sim, tio. Recebo a Jesus todas as noites.

- E Ele não está em seu coração? - insistiu o tio.

- Eu não sei.

- Me parece que você ainda não entendeu como pode ser salvo. Você sabe que tem pecado em seu coração, não é verdade? Quando você briga ou é desobediente está pecando. Um coração que tem pecado não pode entrar no céu. Deus ama muito você. É por isso que Ele mandou Seu Filho, o Senhor Jesus, ao mundo para morrer pelos pecados de você. O Senhor Jesus deixou-se castigar para que Deus pudesse perdoar você. Deus quer dar a você a vida eterna para que você vá ao céu quando morrer e esteja sempre junto dEle. Você quer pedir a Jesus que salve você e que tire o pecado do seu coração? Se você Lhe pedir, Ele promete atender. Não devemos pedir-Lhe todas as noites que Ele entre em nosso coração, mas somente uma vez.

Então Pedro pediu ao Senhor que o salvasse. Depois, Pedro disse a Jesus:

- Obrigado, Senhor Jesus, porque agora sei que Tu estás em meu coração. Eu Te pedi e sei que me atendes.

Depois o tio Carlos disse a seu sobrinho que Jesus ia ajudá-lo a não brigar mais com seus companheiros para que

pudessem ser verdadeiramente amigos e ele fosse um menino feliz.

Durante a semana seguinte, Pedro deixou que Jesus o ajudasse a comportar-se bem e que fosse amável com seus companheiros. No fim da semana, após uma partida de futebol, Quico lhe perguntou:

- Pedro, que aconteceu com você, que agora joga bola sem brigar?

Então Pedro, lhe contou que tinha recebido o Senhor Jesus em seu coração.

Quico também quis receber a Jesus como seu Salvador e Pedro chamou seu tio Carlos. Logo o tio explicou aos meninos como podiam ser salvos e chegar a ser verdadeiros cristãos e vários deles receberam a Jesus no seu coração. Que dia feliz para eles!

Quando o tio Carlos estava para voltar aos índios, ao despedirem-se, Pedro lhe disse:

- Obrigado, tio. O senhor me contou como eu podia aceitar o Senhor Jesus. Estou contente e mui feliz por ter aberto o meu coração para Jesus.

.oOo.

VITÓRIA PARA ANÍBAL

Fazia algumas semanas que Aníbal vivia em completa alegria. Seus olhos azuis brilhavam e por bixo do seu cabelo loiro a parecia sempre um sorostinha sorridente.

A razão era que seu coração já não estava inteiramente habitado por Aníbal Garciua; mo Senhor Jesus Cristo agora era seu Salvador. Seus pais e Rau, seu irmão maior, já tinha aceitado ao Senhor Jesus fazia alguns anos.

Com o passar dos dias, Aníbel estava aperdendo esta alegria que tivera no princípio. Queria servir ao Senhor o melhor que pudesse e fazer muitas coisas para Ele, mas não sabia como fazer e-lo. Então preparou uma longa lista das coisas que tinha que fazer e das que não tinha que fazer.

Nesta lista escreveu coisas como assim:

“Tenho que falar aos outros e Jesus”, “nunca devo desobedecer”, “Não devo brigar com ninguém” e muitas outras parecidas.

Aquele dia, foi para casa e decidiu que realmente ia tratar de fazer o que estava na lista.

Quando Roberto, um companheiro da escola, lhe mostrou a língua, Aníbal lembrou-se que não devia responder do mesmo jeito. Na aula seguinte, ele teve uma prova e se lembrou que não devia copiar.

Para Aníbal, isto era muito difícil, porque antes de receber o Senhor Jesus como seu Salvador muitas vezes tinha copiado. Esforçou-se, porém, para não copiar, ainda que tenha sido tentado a fazê-lo.

A próxima aula era de Educação Física. Aníbal e sua classe foram jogar bola. Os postes foram marcados com suas blusas. Um dos jogadores do time adversário chutou a bola e ela passou por cima de uma das blusas.

- Gol! - exclamou o menino que chutara.

- Como gol? - respondeu indignado Aníbal. - Você está cego? Não vê que passou pelo poste?

Então começou a discussão. O professor procurou acalmá-los e disse-lhes que, se continuassem com a briga, os mandaria à diretoria.

De repente, Aníbal se lembrou de sua lista.

- Oh! - pensou ele.-Eu não devo brigar agora que tenho Jesu em meu coração. Mas aconteceu tão rápido!

Decidiu então, com todas as suas forças, não brigar mais. Quando saiu a escola, voltou para sua casa e começou a brincar com seus brinquedos.

- Aníbal! - chamou sua mãe.- Vá lavar suas mãos e venha para o almoço.

- Mãe, mal começo a brincar e a senhora já me chama!

Continuou brincando mais um pouco e depois foi lavar as mãos.

- Sabe, mãe? - disse quando chegou à mesa.- Decidi não brigar nunca mais.

- Muito bem, querido - respondeu sua mãe.- Mas lembre-se que obedecer à mãe também é muito importante se você quer ser um bom cristão.

Aníbal se assustou um pouquinho. Desta vez tinha falado na obediência.

- Que pena!- pensou Aníbal. Eu quero com todas as minhas forças fazer o que a Bíblia diz, mas não consigo.

Nos dias seguintes, Aníbal ficou muito preocupado. Como poderia ele servir ao Senhor Jesus? Ele não queria brigar, mas parecia que não conseguia fazê-lo. Com todas as suas forças queria portar-se bem, mas não podia. Que deveria fazer? Qual era a resposta?

A resposta veio naquele mesmo domingo durante a reunião em sua igreja. Aníbal prestou muita atenção enquanto o irmão Gonçalo estava pregando. O senhor Gonçalo amava muito as crianças. Quando ele pregava, sentia que era importante que as crianças entendessem o que ele dizia. Não pregava somente para os adultos.

Naquele domingo ele falou sobre os gálatas e como Paulo os repreendeu porque tratavam de viver vidas cristãs confiando em suas próprias forças. Enquanto o irmão Gonaçalo estava pregando, Aníbal percebeu que ele era mais ou menos como os gálatas.

Então percebeu porque as coisas iam mal para ele. Ele não tinha forças suficientes para vencer ao Diabo, que tratava de derrotá-lo. Mas Jesus tinha. Aníbal percebeu que Jesus era a resposta.

Jesus não somente o tinha salvo, mas também estava pronto para viver Sua vida vitoriosa através de Aníbal.

Então Aníbal rendeu sua vida de forma mais completa para Jesus. Entendeu que Ele não somente queria salvar-nos, mas também queria expressar e viver Sua vida dentro da nossa, ou seja, através de nós.

Na semana seguinte, os companheiros de Aníbal L perguntaram porque tinha mudado sua maneira de ser. Então ele lhes disse que Jesus era seu Salvador, mas não somente seu Salvador, como também o que lhe dava verdadeira vitória em sua vida.

.oOo.

ESTER E A LOUÇA

- Esterzinha - chamou a mãe.- Venha enxugar a louça que já a estou lavando.

- Mãe - resmungou a pequena, batendo os pés no chão,- por que não a deixa aí na pia para que vá secando sozinha?

A mãe de Ester sempre tinha dificuldade de conseguir a ajuda de sua filha nos serviços da casa. Emburrava se tinha que varrer, varria mal e sua mãe terminava por fazer o que ela tinha feito mal feito.

Quando era anecessários lavar a louça ou enxugá-la, a memina demonstrava seu descontentamento, maltratando a louça ou molhando o piso da cozinha. Por isso, muitas vezes a maré preferia fazer ela memsa todo o serviço.

Mas nest dia, ela mostrou-se firme:

- Ester, como pode falar assim com a sua mãe? Estu chamando você e venha já para enxugar a louça.

Com mau humor e arrastandi os pés peo chão, a mernina chegou. Ela era muito bonita; tinhs cum comprido cabelo castanho, ,as a expressão feia do rosto tirava-lhe toda a beleza.

Começou enxugando os pretaos, fazendo muito barulho ao pegar cada um. Após algum tempo, deicou cair um, que se espatifou . Não o fez a propósito, mas pelo seu jeito descuidado de enxugá-los, mais cedo ou mais tarde teria que acontecer aquilo.

- Ester! - exclamou sua mãe.- Vá imediatamente para ao seu quarto e não sai dali equanto eu não a chamae!

A meninanão disse nem sequer uma palavra. Sabia que, quano sua mãe ficava brava, não havia outro jeito senão obedecer imediatamente, do contrrrário, levaria umasurra.

Ao chegar ao seu quarto, bateu a porta e também desabafou, golpeando alguns dos móveis. Estava fiuriosa. “Aimd sou uma crianaça”, pensou, “por que tenho qajudaar aamamãe, enxugando a louça?” Em, seu egoísmo, preferia deixa a mamãe fazern todoo serviço, enquanto ela passava ao dia brincsndo.

Jogou-se nacam e tratou de dormir, assimmo tempo passaria mais depressa. Masnão coinseguiu doirmir. Começou a pensar no que inha ouvido no dia anterior na Escola Dominical.

Tinha ido, pela primeira vez com Marta, a menina que morava na casa ao lado. A família de Marta sempre ia à igreja e realmente amava a Deus.

“Já estou cansada de que a mãe sempre me ponha de castigo por eu fazer alguma coisa errada”, pensou, “Por que não posso ser boazinha que nem a Marta?” Continuou pensando na Escola Dominical.

A professora tinha explicado que todos somos pecadores e que nos afastamos de Deus cada vez mais se não nos encontrarmos com o Salvador Jesus.

Ester queria ter este encontro. Nunca tinha pensado antes em seu relacionamento com Deus, mas agora, que estava sem outra preocupação, a lembrança da Escola Dominical do dia anterior não lhe saía da cabeça. Queria falar com Deus naquele momento, mas não sabia como fazê-lo.

Após algum tempo (que lhe pareceu uma eternidade), sua mãe chegou e disse-lhe que podia sair do quarto.

- Mãe, posso ir à casa da Marta? - perguntou a menina.

- Sim - respondeu-lhe a mãe.- E por que não aproveita e lhe pede que ela a ensine a portar-se bem? Você precisa ver como a Marta ajuda a sua mãe a cuidar da louça!

Ester tinha ido muitas vezes à casa de Marta, mas só para brincar. E sempre Marta lhe falava de Deus, mas Ester nunca dava importância a este assunto. Este dia, porém, ia perguntar-lhe como fazer para pedir a Deus que ela fosse boazinha.

Logo que ela fez a Marta esta pergunta, esta tomou seu Novo Testamento e procurou o lugar onde a professora tinha lido no dia anterior: Mateus 18.10-14. Explicou a Ester que

somos ovelhinhas e que o Senhor Jesus é o Pastor que veio buscar as ovelhinhas perdidas.

- Mas, Ester, sabe de uma coisa? - continuou explicando.- Ele espera que Lhe peçamos que nos ache.

- Posso pedir-Lhe agora? - perguntou Ester, pensando que ainda fosse cedo demais. Marta lhe disse que sim. *“Porque o Filho do Homem veio buscar o que se havia perdido”* (Mateus 18.11). Disse-lhe que Jesus tinha morrido na cruz para pagar o castigo de nosso pecado. Ester escutou com muito interesse e entendeu que o Senhor Jesus a estava esperando.

Nesse momento chegou a mãe de Marta.

- Querida, venha - disse a sua filha.- A vovó está chamando você no telefone.

Ester ficou sozinha no quarto de sua amiga. Não queria demorar-se nem um pouquinho mais. Pediu perdão ao Senhor por ser uma ovelha desgarrada e naquela bendita tarde o Senhor Jesus encontrou Ester Gomes.

Deus pôs fé no coração daquela menina. Ela não teve nenhuma dúvida de que Ele a tinha escutado e que desde aquele momento Lhe pertencia. Como Marta ficou um bom tempo conversando com sua avó no telefone, Ester teve tempo de agradecer ao Senhor por a ter encontrado.

Quando sua amiguinha chegou, Ester não teve palavras para contar-lhe o que tinha feito. No princípio não lhe contou tudo. Simplesmente, lhe disse que queria voltar no próximo domingo à Escola Dominical com ela. Depois lhe perguntou se sua colega tinha um outro Novo Testamento. Marta tinha um só, mas lhe deu um exemplar do evangelho de Mateus e lhe sublinhou os versículos 11 a 14 do capítulo 18.

Naquela noite, depois do jantar, Ester foi direto à cozinha enquanto sua mãe lavava o pratos. Sem dizer nada, pegou

um pano de cozinha e começou a enxugá-los. Depois, quando já estava deitada, a mamãe veio desejar-lhe uma boa noite e Ester contou tudo o que tinha acontecido na casa de Marta.

Hoje, toda a família Gomes (Ester, Lúcia, sua irmã maior, e seus pais) ama ao Senhor Jesus Cristo e juntos vão todos os domingos ao templo para bendizer o Seu Nome.

.oOo.

A HISTÓRIA DOS DOIS URSINHOS

- Alô, irmão Fernando - cumprimentou uma menina, sorrindo, ao vê-lo.

- Alô, Emília, me alegro que tenha podido vir hoje.

Todos os sábados, e o tempo estava bom, o irmão Fernando, umas pessoas mais idosas de sua cidade, chegava à praça central a mesma.

As crianças da vizinhança sabiam onde o grupo podia ser encontrado e sempre havia um bom grupo delas, chegando ao ancião e pedindo-lhe que lhes contasse uma história nova.

Ele tinha o cabelo todo branco e seus olhos escuros pareciam irradiar amor e ternura. Foram tantas as crianças que chegaram a conhecer o Senhor Jesus pelas palavras daquele santo que elas nunca o chamavam de “senhor”, mas simplesmente de “irmão Fernando”. Aquela tarde estava fazendo muito calor. O sol parecia estar cozinhando as pessoas e as montanhas ao redor da cidade. Por isso, o irmão Fernando escolheu um cantinho da praça onde havia uma deliciosa sombra e se assentou.

Emília foi uma das primeiras a chegar para escutar a história daquele sábado, mas logo chegaram mais crianças. Todas queriam estar junto dele. Emília se sentou no seu colo.

Mas uma outra menina quis também sentar-se no colo do ancião. Ele resolveu o problema, deixando cada uma

sentar-se num joelho. A seguir, os meninos começaram a discutir e a brigar para conseguir um cantinho mais perto do irmão Fernando do que os seus colegas.

- Não está certo! - gritou Raul para Eduardo.- Você sempre se senta encostado na árvore. Hoje é meu dia.

Mas Eduardo nem se mexeu.

- Josefina, você é mais alta do que eu - disse-lhe Susana, irritada.- Eu teria que sentar-me na frente e você atrás.

Josefina nem se mexeu.

O irmão Fernando ficou entristecido ao ver o egoísmo e os ciúmes das crianças e simplesmente, em seu coração, orou: "Pai, peço-Te que Setaás não tenha lugar na oração daqueles pequeninos. Se Tu tomares conta deles, haverá amor e se ajudarão um ao outro".

O ancião lhes perguntou se queriam escutar a história dos dois ursinhos. Todos se calaram e, esquecendo-se das brigas, prestaram atenção.

Uma vez um menino chamado Frederico que morava com seus pais e uma tia.

Frederico estava muito contente porque seu aniversário estava perto. Cada dia perguntava a seu pai quantos dias faltavam e cada dia que passava faltava um a menos.

Finalmente, chegou seu aniversário. Houve um gostoso bolo e chocolate, mas o que Frederico gostou mais foi dos presentes que ele ganhou.

Sua mãe lhe deu um ursinho amarelo e sua tia um ursinho branco.

- Vou escolher dois nomes especiais para dar a meus ursinhos - disse o menino.- A este, de cor amarela, vou chamar de Damo e a este, de cor branca, chamarei de Famo.

Todos os dias brincava com seus ursinhos. Diazia que eram seus filhinhos e que tinha de cuidar dele. Os apoiava à parede e falava com ele, como e estivese ensinando-lhes coisas.

Com o passar de algumas semanas, percebeu eu as pernas de Famo, o ursinho branco, tinham ficado duras. Não mexiam e não podia sentar-se para ouvir as lições que Frederico lhe dava.

- Você é um ursinho mau - disse-lhe o menino.- Vou deixar você no caixote de brinquedos e vou dar lições para o meu irmão e vou fazer de meu companheiro nos passeios.

Foi assim mesmo, Frederico brincava cada vez menos com Famo e cada vez mais com Damo. De noite, quando Frederico dormia, os ursinhos se falavam. Famo começou a odiar Adam. Estava muito bravo porque Frederico brincava com seu irmão amarelo, mas não com ele.

Tão enciumado ficou que dizia coisas feias a Damo e lhe batia. Também o arranhava, mas teve que ter cuidado para não machucá-lo muito, pois ficou com medo que Frederico ficasse sabendo que ele estava batendo em Damo.

O tempo passava e, quanto mais Famo maltratava a seu irmão e quanto mais ciúmes tinha dele, mais endurecidas ficavam suas pernas e Frederico brincava cada vez mais com Damo e cada vez menos com Famo.

Um dia, passou o dia todo brincando com Damo, o ursinho amarelo, e a Famo nem sequer tirou do caixote. Famo ficou sozinho hora após hora e Damo passou o dia todo divertindo-se.

Quando Frederico guardou a Damo, Famo lhe bateu tanto que o ursinho amarelo ficou estendido no fundo do caixote. Então Famo, que se assustou. Estava irritado com seu irmão, mas não queria machucá-lo tanto.

Então começou a pensar: “Estou enciumado porque Frederico brinca com Damo e comigo não, mas se continuou batendo nele não vai resolver o problema; pelo contrário, continuarei sempre emburrado e triste”.

Então o ursinho olhou para o seu próprio corpo. “Que branco eu sou!”, pensou, “mas meu caráter é preto!”

Quando Damo voltou a si e ficou em pé, Famo chegou-se a seu irmão e lhe disse:

- Damo, perdoe-me. Tenho estado tão enciumado e por isso bati em você. Eu deveria estar contente porque Frederico brincava com você”.

Naquele momento, Famo sentiu alguma coisa em suas pernas. Achou que estava amolecendo. No dia seguinte, Frederico tirou os dois ursinhos do caixote e descobriu que as pernas de Famo se moviam livremente que nem as de Damo. Ergueu seu ursinho branco e o abraçou com alegria.

- Faminho! - exclamou o menino.- Agora posso brincar com você da mesma maneira que brincava com Damo.

Naquele momento o irmão Fernando fez uma pausa em sua história e olhou para aquele grupo de crianças.

-Puxa! - exclamou Raul.- Eu bati no Edardo porque ele se sentou em meu lugar predileto.

Imediatamente, uma das meninas menores do grupo disse:

- Eu estava brava com Emília porque eu queria sentar aí onde ela está - e apontou com seu dedinho o colo do irmão Fernando.- Será que minhas pernas vão ficar duras?

- Não, Silvinha - lhe assegurou o ancião.- Mas se temos ciúmes, vai acontecer algo ainda pior: vamos ficar cada vez mais longe do Senhor Jesus.

.oOo.

A LIÇÃO QUE JOSÉ LUIZ APRENDEU

Como José Luiz gostava de jogar bola! Ao lado de sua casa havia um terreno baldio e todas as tardes, ao voltar da escola, batia bola com outros meninos do bairro.

- Não tem lição hoje? - lhe perguntou certo dia sua mãe.

- Não tenho quase nada, mamãe - lhe respondeu.-Num momento farei a lição.

- Está certo, mas escute aqui; quero que volte às seis e meia. Entendeu bem? - insistiu sua mãe.- Não quero que chegue nem um minuto atrasado.

José Luiz garantiu a sua mãe, na hora que ela dizia, estaria ele de volta, mas mal começou a brincar nem ligou mais para a hora.

- José Luiz! - exclamou irritada sua mãe.- São sete horas! Não lhe disse para voltar às seis e meia? Quando você vai fazer a sua lição?

José Luiz pediu desculpas a sua mãe, mas esta continuou zangada.

- Não sei porque você é tão desobediente - dizia ela.

Sua mãe estava sempre brava com ele. Quase sempre ele fazia o que sua mãe lhe tinha dito para não fazer. Ela orava ao Senhor, pedindo-Lhe que a ajudasse a ensinar obediência às crianças que tinha sob os seus cuidados, mas era muito difícil porque tinha quatro filhos dela mesma e mais seis que eram de sua irmã e que tinham ficado órfãos.

- Mamãe, pode comprar-me uma bola de jogar? - lhe perguntou um dia José Luiz. O menino começou a argumentar, dizendo que muitos dos seus companheiros tinham bola e que ele queria uma para si.

- Se você fosse mais obediente lhe daria uma de presente
- lhe respondeu a mãe. Ainda que chateado, José Luiz percebeu que a única maneira de conseguir uma bola seria comprá-la ele mesmo. Contratou com uns vizinhos para ajudá-los fazendo alguns serviços no jardim e, em pouco tempo, conseguiu juntar o dinheiro suficiente para comprar uma bola.

Entrou contente numa loja de brinquedos e escolheu a que mais lhe agradou. A seguir, foi para o terreno baldio para mostrá-la aos seus companheiros do bairro. Quando chegou, ficou muito chateado porque o dono do terreno tinha cercado o mesmo e tinha colocado uma tabuleta, dizendo “Proibido entrar”.

Aborrecido, foi para casa. Pensava que, como não podia brincar mais naquele terreno, brincaria em casa com os seus irmãos e primos. Quando sua mãe o proibiu de jogar bola em casa, ainda mais chateado ficou.

- Por que não posso jogar bola aqui? - insistiu. - José Luiz - respondeu sua mãe,- se jogar aqui, a bola irá toda hora na casa dos vizinhos porque o nosso quintal é pequeno. Também pode quebrar um vidro.

Logo sua mãe precisou sair e José Luiz pensou que, se jogasse bola enquanto sua mãe não estivesse em casa, ela não ficaria sabendo.

Começaram a jogar ele, seus irmãos e seus primos e parecia que tudo estava bem. De repente, num momento de entusiasmo, José Luiz chutou forte e a bola foi ao quintal do vizinho.

Naquele preciso momento, o vizinho estava fazendo uma fogueira porque estava queimando folhas, papéis e madeira que não tinham utilidade para ele. A bola de José Luiz caiu no meio do fogo e imediatamente foi destruída.

O menino foi correndo e chorado para o seu quarto. Sua mãe chegou naquele momento e foi ver o que tinha sucedido.

- Ah, mamãe! Por que desobedeci à senhora? - lhe disse, tratando de enxugar suas lágrimas - Joguei bola no quintal, chutei forte e a bola caiu na fogueira que o seu Francisco estava fazendo.

Sua mãe lhe explicou que Deus permite que certas coisas aconteçam para ensinar-nos a obedecer. Quando Jesus era criança sempre foi obediente e todo menino cristão deve seguir o Seu exemplo. Nós não temos força para resistir à tentação, mas Deus nos dá forças para fazer o que Ele manda.

- Perdoe-me, mamãe - disse José Luiz.- De hoje em diante, vou pedir ao Senhor que me ajude a obedecê-la.

- Alegro-me que tenha tomado esta decisão - lhe respondeu a mãe.- Ainda que eu tenha ficado triste com sua desobediência, certamente Deus ficou ainda mais triste, pois Ele sabe como a sua desobediência é prejudicial para nós.

José Luiz ficou firme em seu propósito. Entregou sua vida ao Salvador e sua mãe verificou que ele era um menino bem mais obediente.

Pouco tempo depois, sua mãe lhe deu de presente uma bola, mas agora José Luiz já tinha aprendido a jogar no lugar e no horário estabelecido por sua mãe.

.oOo.